



Veredas atemática

Volume 19 nº 2 – 2015

Apreensão do discurso de outrem e autoria em gêneros acadêmico-científicos

Regina Celi Mendes Pereira (UFPB)
Poliana Dayse Vasconcelos Leitão (UFPB)

RESUMO: Acreditamos que as marcas de apreensão apreciativa do discurso de outrem revelam o nível de autoria do agente produtor. Neste trabalho, objetivamos investigar essas marcas em monografias elaboradas por professores em formação com o intuito de analisar os níveis de autoria nelas presentes. Para tanto, fundamentamo-nos em Bakhtin/Volochinov (2002 [1929]), Bakhtin (2000, 2003 [1979]) e Bronckart (1999, 2006). Nas monografias, constatamos baixos níveis de autoria, delineados pelo predomínio do discurso direto monumental.

Palavras-chave: apreensão apreciativa; autoria; monografia.

Considerações iniciais

Considerando as discussões sobre o caráter constitutivamente dialógico da linguagem, podemos afirmar que a produção de qualquer gênero discursivo está sempre em constante diálogo com outros gêneros, com outros discursos, com outras enunciações, com outras palavras. Na construção de gêneros acadêmico-científicos, particularmente no item Fundamentação Teórica, a dialogicidade é exigida como fator propiciador de cientificidade.

Outro critério de cientificidade é a objetividade-neutra. Entretanto, considerando o caráter intrinsecamente argumentativo da linguagem, constatamos que a neutralidade é ilusória, pois a simples escolha do objeto de estudo já revela as preferências do autor. Estas, através da apreensão apreciativa do discurso de outrem, revelam a subjetividade presente, em maior ou menor grau, em todo gênero discursivo. E as marcas de materialização dessa

apreciação revelam o nível de autoria do enunciador.

Diante do caráter dialógico, argumentativo e emocional-volitivo da linguagem, neste artigo, objetivamos investigar as marcas de apreensão do discurso de outrem e o fenômeno da autoria em gêneros acadêmico-científicos, mais precisamente em monografias elaboradas por professores em formação.

Os dados aqui apresentados, pertencentes a quatro (04) monografias, foram coletados, através uma pesquisa documental, realizada em 2010, em um Curso de Licenciatura em Letras (Habilitação dupla: Português/Inglês) de uma instituição particular de pequeno porte localizada no interior da Bahia. Eles fazem parte de um *corpus* maior, composto por trinta e oito (38) monografias¹, pertencente a nossa pesquisa de doutorado, que está vinculada ao Grupo de Estudos em Letramentos, Interação e Trabalho (GELIT), mais particularmente, aos estudos desenvolvidos no âmbito do Projeto Ateliê de Textos Acadêmicos.

1. Dialogismo e apreensão apreciativa

Vários estudiosos, dentre eles os representantes do Círculo de Bakhtin, defendem que, por meio da língua, não apenas interagimos, mas também agimos na sociedade de forma mais ou menos consciente, bem como mais ou menos comprometida com o que enunciamos. A análise desse fato levou Bakhtin a conceber a língua como constitutivamente interativa e dialógica. O autor argumenta que

a **experiência discursiva individual** de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma **interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros**. Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como processo de *assimilação* – mais ou menos criador – das palavras *do outro* (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, **de um grau vário de alteridade ou assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância**. Essas palavras dos outros trazem consigo sua expressão, o seu tom valorativo que **assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos** [grifos nossos] (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 294).

Fundamentando-nos na citação supracitada, podemos concluir que toda e qualquer prática de leitura e/ou produção de textos, orais ou escritos, verbais ou não verbais, é também dialógica e interativa, pois remetem sempre a outros textos, a outros enunciados, a outros discursos. As palavras transcritas levam-nos também a evidenciar que, frente ao discurso de outrem, reagimos de diferentes maneiras, de forma mais ou menos passiva. Essa reação é denominada por Bakhtin como apreensão apreciativa do discurso de outrem.

A apreciação estabelece a compreensão responsiva como determinante das escolhas feitas pelo sujeito no momento da enunciação. E é responsável pela criatividade nas mudanças de significação, que são sempre reavaliações (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2002 [1929], p.

¹ A escolha das monografias deu-se a partir de uma pesquisa anterior, mais precisamente, de uma pesquisa-ação realizada em 2007, na qual investigamos o processo de apreensão do gênero textual Projeto de Pesquisa.

135)². Desse modo, as escolhas realizadas estarão sempre sujeitas aos aspectos sociais, ideológicos, emocionais. Por isso, quando utilizadas no enunciado concreto, fazem nascer “a emoção, o juízo de valor, a expressão” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 292).

Considerando o lugar social assumido pelo enunciador, este pode conceber a palavra sob três aspectos, que apontam para três níveis de autoria, um superficial, um mediano e um elevado:

Como *palavra neutra* da língua que não pertence a ninguém, como *palavra do outro* pertencente a outros e que preenche o eco dos enunciados alheios; e, finalmente, como *palavra minha*, pois, na medida em que uso essa palavra numa determinada situação, com uma intenção discursiva, ela já se impregnou de minha expressividade (BAKHTIN, 2000 [1979], p. 294).

Diante dessas possibilidades, constatamos que a análise dos movimentos discursivos deixados, explícita ou implicitamente, consciente ou inconscientemente, nos gêneros discursivos permite desvendarmos o(s) nível(eis) de responsabilidade enunciativo-discursivo(s) assumido(s) pelo enunciador, se o de reprodutor ou o de autor. Por isso, é preciso “uma investigação mais profunda das formas usadas na citação do discurso, uma vez que refletem tendências básicas e constantes da recepção ativa do discurso de outrem”, pois o discurso citado, além de ser “*o discurso no discurso, a enunciação na enunciação*”, é, “ao mesmo tempo um *discurso sobre um discurso, uma enunciação sobre a enunciação*” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2002 [1929], p. 144 – 146) [grifos do autor].

Passemos ao conceito de autor e autoria no Círculo de Bakhtin.

2. Conceito de autor e autoria no Círculo de Bakhtin

De acordo com Faraco (2007, p. 37 - 38), os temas autor e autoria sempre foram recorrentes na maioria das obras de Bakhtin. Este estudioso distingue dois tipos de autor: o autor-pessoa, que seria o escritor, o artista; e o autor-criador, que seria uma função estético-formal engendrador da obra. Distinção que coloca em relevo a função social assumida pelo autor-pessoa na situação concreta de enunciação, bem como suas representações sócio-subjetivas, pois o autor-criador olha o herói e seu mundo – no caso dos textos acadêmico-científicos, o teórico e suas proposições – “com simpatia, ou antipatia, distância ou proximidade, reverência ou crítica, gravidade ou deboche, aplauso ou sarcasmo, alegria ou amargura, generosidade ou crueldade, júbilo ou melancolia”.

Bakhtin defende que o posicionamento valorativo possibilita ao autor-criador a força para constituir o todo, ou seja, criar o herói e seu mundo e dar a eles o acabamento estético. Por isso, o autor-criador é concebido como uma posição, ao mesmo tempo, refratada (por ser uma posição axiológica, portanto, dotada de valores socioavaliativos do autor-pessoa dependentes da dinâmica de múltiplas inter-relações,) e refratante (porque os eventos da vida são recortados e reorganizados a partir dessa posição axiológica assumida pelo autor-criador) (FARACO, op. cit., p. 38).

² Apesar das discussões em torno da autoria de Marxismo e Filosofia da Linguagem, nas referências bibliográficas, em atenção às normas da ABNT, mantivemos a indicação Bakhtin/ Volochinov.

Considerando o caráter refratado e refratante do autor-criador, Faraco (2007, p. 39) conclui que, para Bakhtin, a “semiose não é processo de mera reprodução de um mundo “objetivo”, mas de remissão a um mundo múltipla e heterogeneamente interpretado”. A posição axiológica do autor-criador trata-se, portanto, de um modo de ver o mundo – que acreditamos envolver não apenas aspectos sociais, mas também psicológicos, por revelar as formas individuais de ver o mundo – um princípio ativo que guia a construção do objeto estético e direciona o olhar do leitor.

Ainda segundo Bakhtin (*apud* FARACO, op. cit. p. 41), “se a voz do escritor como pessoa permanece como tal é [...] ingênua e inadequada para a autêntica criação estética”. Por isso, parafraseando Bakhtin, Faraco assevera que a consciência artística precisa se libertar “da prisão da linguagem que se impõe como única e absoluta [...]; da hegemonia aprisionadora do imaginário de uma língua unitária e da língua como mito (isto é, como uma forma absoluta de significar)”. Afirmção com a qual concordamos plenamente, pois acreditamos que o processo de autoria passa necessariamente pelo processo de conscientização da necessidade de assumirmos a responsabilidade enunciativo-discursiva em todo e qualquer gênero que produzimos.

Com base nos conceitos apresentados, no que concerne aos gêneros acadêmico-científicos, compreendemos a autoria como a responsabilidade enunciativo-discursiva assumida, em menor ou maior grau, sempre de forma ética, pelo autor em relação aos discursos de outrem. Nessa perspectiva, defendemos a existência de diferentes níveis de autoria, que estariam inter-relacionados a variados níveis de responsabilidade enunciativo-discursiva. Ambos os níveis estariam distribuídos dentro de um contínuo que abarca desde um grau menor até um grau mais elevado de autoria e de responsabilidade enunciativo-discursiva. Os níveis de autoria mais visíveis seriam: 1) o transcritor: aquele que transcreve *ipsis litteris* as palavras de outrem; 2) o parafraseador da forma (estrutural): aquele que retoma o discurso de outrem mantendo a maioria das palavras pertencentes à citação e alterando, na maioria dos casos, apenas a ordem dessas palavras; 3) o parafraseador do conteúdo (Semântico): aquele que retoma o discurso de outrem a partir das próprias palavras preservando o conteúdo expresso nas palavras citadas; 4) o parafraseador do conteúdo e da expressão (semântico/expressivo): aquele que resgata o discurso citado a partir de comentários acerca de seu conteúdo e de sua expressão elaborados com as próprias palavras; 5) o analisador-avaliador: aquele que apresenta as citações, analisa-as, compara-as e/ou confronta-as com outras citações e tece posicionamentos valorativos em relação aos discursos citados; 6) o reentonador: aqueles que atribuem sua expressividade aos discursos citados, dando-lhes um novo colorido; 7) o orientador de discursividade: aquele que retoma um enunciado e reafirma-o, reinterpreta-o e/ou completa-o, dentro **ou** fora do domínio discursivo de sua origem; 8) o instaurador de discursividade: aquele que retoma um enunciado com o intuito de questioná-lo e modificá-lo, dentro **e** fora do domínio discursivo de sua origem. Fora desse contínuo teríamos, de um lado, o plágio, que consiste em uma apropriação indevida, passível de punição legal; e de outro, as criações “insanas”, que extrapolam a razão. Esquemáticamente, podemos apresentar esses níveis através da seguinte figura:

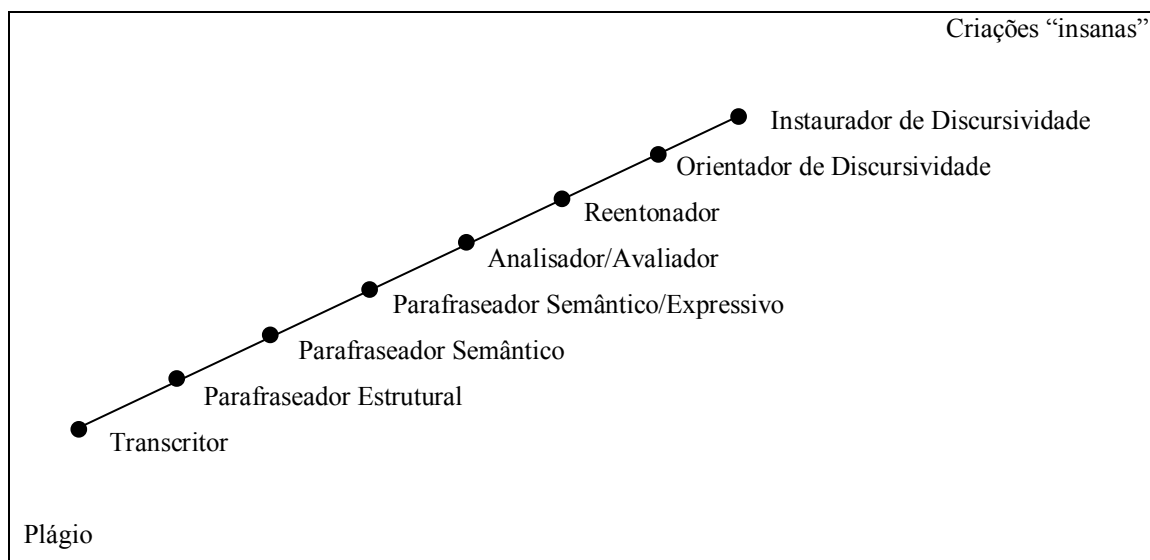


Figura 01: Níveis de Autoria

Diante desses conceitos, que categorias de análise utilizar para investigar a apreensão do discurso de outrem?

3. Categorias de análise

Para percebermos o nível de autoria presente nos gêneros acadêmico-científicos, vários elementos linguísticos, estilísticos e composicionais podem ser analisados. Como categorias de análise, sugerimos o estudo das formas de apresentação do discurso de outrem, fundamentado na proposta de Bakhtin/Volochinov (2002 [1929]), atrelado à investigação dos níveis de análise defendidos pelo Interacionismo Sociodiscursivo, mais especificamente o tipo enunciativo, nível que envolve a observação das modalizações, das vozes enunciativas e das marcas de pessoa.

Segundo Bronckart (1999, p. 330), as modalizações possuem como finalidade geral “traduzir, a partir de qualquer voz enunciativa, os diversos comentários ou avaliações formulados a respeito de alguns elementos do conteúdo temático”. Essas modalizações organizam-se em quatro categorias: modalizações lógicas, modalizações deônticas, modalizações apreciativas e modalizações pragmáticas.

Para Bronckart (1999, p. 130 – 132), as **modalizações lógicas** se referem à avaliação de alguns elementos do conteúdo temático, realizada a partir de critérios do mundo objetivo, apresentando esses elementos sob a perspectiva da condição de verdade, julgando-os, dentre outras inúmeras possibilidades, como fatos atestados, possíveis, necessários. As **modalizações deônticas** são concernentes à avaliação de alguns elementos do conteúdo temático orientada por valores, opiniões e regras do mundo social e delineada pela exposição desses elementos como pertencentes ao domínio direto, ao campo da obrigação social e/ou da conformidade com as normas em uso. As **modalizações apreciativas** revelam as avaliações originadas no mundo subjetivo da voz que é a fonte do julgamento. Apresentam, pois, alguns aspectos do conteúdo temático, através de julgamentos de valor, dentre outras possíveis avaliações, como sendo benéficos, maléficos, felizes, infelizes, estranhos. E as **modalizações**

pragmáticas encarregam-se da explicitação de alguns aspectos da responsabilidade de um personagem, um grupo ou instituição social em relação às ações em que é agente. Além disso, atribuem ao agente produtor possíveis intenções, razões e capacidades de ação (BRONCKART, 1999, p. 332). Ressalta o autor que, dependendo do gênero a que o texto produzido pertença, este pode apresentar diversas unidades de modalização, mas também raras ou nenhuma unidade de modalização.

As vozes enunciativas são definidas como entidades que assumem (ou às quais são atribuídas) a responsabilidade do que é enunciado (BRONCKART, 1999, p. 326). Ressalta o autor que, na maioria dos casos, a responsabilidade do dizer é assumida pela instância geral da enunciação, revelando uma *voz neutra*, que, de acordo com o tipo de discurso, pode ser a do narrador ou a do expositor. Entretanto, em alguns casos, a instância de enunciação pode apresentar uma ou várias vozes “outras”, que estariam infraordenadas em relação ao narrador ou ao expositor. Essas vozes, consideradas secundárias e expressas de forma direta ou indireta, são agrupadas em três categorias: vozes dos personagens, vozes sociais e vozes do autor empírico do texto.

Conforme Bronckart (1999, p. 327), as **vozes de personagens** procedem de seres humanos, ou de identidades humanizadas, que assumem a qualidade de agente nos acontecimentos ou ações constitutivas do conteúdo temático ou de um segmento de texto – no caso dos textos teóricos seriam os estudiosos referenciados. Já as **vozes sociais** emanam de personagens, grupos ou instituições sociais que não intervêm como agentes no percurso temático de um segmento de texto, mas que são apresentadas como instâncias externas de avaliação de alguns aspectos do conteúdo. E, finalmente, a **voz do autor** procede diretamente da pessoa que produz o texto e que intervêm, como tal, para comentar ou avaliar alguns aspectos do que é enunciado.

O **índice de pessoa**, como a própria denominação explicita, diz respeito às pessoas do discurso: primeira, segunda e terceira pessoas do singular e do plural, bem como à forma impessoal.

No que se refere às **formas de apreensão do discurso de outrem**, Bakhtin/Volochinov (2002, p. 145), com base no estudo de textos literários, defende que o falante concebe o discurso citado como a enunciação de uma *outra* pessoa sob uma perspectiva autônoma, ou seja, “completamente independente na origem, dotada de uma construção completa, e situada fora do contexto narrativo”. O autor argumenta que, a partir dessa existência autônoma, a enunciação do narrador – e diríamos do expositor – ao integrar em sua composição uma outra enunciação, “**elabora regras sintáticas, estilísticas e composicionais** para assimilá-la” [grifos nossos].

Essa reflexão pode ser aplicada aos gêneros da esfera acadêmico-científica, caracterizados, sobretudo, pelas tipologias expositiva e argumentativa. Como acontece nos textos literários, nos textos acadêmico-científicos, existem regras sintáticas, composicionais e estilísticas para a apresentação do discurso do outro, regras essas que muitas vezes exigem do autor criador uma neutralidade-objetiva, inibindo o desenvolvimento da apreensão apreciativa e, portanto, a responsabilidade enunciativo-discursiva. Inibição prevista pelos autores quando destacam que as formas sintáticas – e acreditamos que as marcas estilísticas e composicionais – utilizadas para apresentação do discurso do outro “exercem uma influência reguladora, estimulante ou inibidora, sobre o desenvolvimento da apreensão apreciativa” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2002 [1929], p. 147).

Ainda de acordo com o autor, duas orientações norteiam a inter-relação do discurso narrativo com o discurso citado. A esse respeito, acrescentamos que essas orientações também

se aplicam à inter-relação discurso expositivo-argumentativo com discurso citado: 1. **Estilo linear** (1.1. Dogmatismo autoritário e 1.2. Dogmatismo racionalista); e 2. **Estilo pictórico** (2.1. Individualismo realista e crítico e 2.2. Individualismo relativista), as quais se apresentam sob diferentes facetas e tipos. No estilo linear, existe uma “nítida” e “inviolável” divisão entre o discurso citado e o resto da enunciação, marcada pelos “contornos exteriores à volta do discurso citado”. Neste estilo, predomina a impessoalidade e, portanto, a fraqueza do fator individual interno e, conseqüentemente, do grau de responsabilidade enunciativo-discursiva, que revelam a apreensão apenas do sentido objetivo. Assim, podemos dizer que esse estilo seria o que caracteriza o nível assimilação. Já no estilo pictórico, o autor-criador, através de réplicas e comentários, infiltra-se no discurso de outrem, dando um caráter individualizado ao próprio discurso, assumindo a responsabilidade enunciativo-discursiva e demonstrando que o enunciador apreendeu, além do sentido, “todas as peculiaridades linguísticas e sua realização verbal” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2002 [1929], p. 150).

Existem basicamente três esquemas sintáticos de transmissão do discurso de outrem: o **discurso direto**, o **discurso indireto** e o **discurso indireto livre**. Cada estilo dá uma orientação particular, específica à enunciação e recria a sua maneira o discurso de outrem. Esses esquemas também “exprimem uma tendência à apreensão ativa do discurso de outrem”, podendo aparecer no estilo linear ou pictórico (*op. cit.*, p. 158).

Pautados nessa orientação particular, o autor propõe algumas subdivisões, tanto para o discurso direto como para o indireto. Para o discurso direto, a divisão seria: a) **Discurso direto monumental**: caracteriza-se pela percepção da enunciação de outrem como um todo compacto, que não pode ser transposto, parafraseado, analisado, complementado, muito menos transformado; b) **Discurso direto preparado**: consiste na emersão do discurso direto de dentro do indireto; c) **Discurso direto esvaziado**: e marcado pela diminuição do peso semântico das palavras citadas e pelo reforço da sua significação caracterizadora, sua tonalidade e/ou seu valor típico; d) **Discurso direto antecipado e disseminado**: aparece antecipado por uma preparação reveladora da percepção do agente produtor em relação às enunciações citadas; e) **Discurso direto retórico**: situa-se na fronteira do discurso narrado e do discurso citado e consiste na apresentação de uma pergunta ou exclamação da parte do autor e, paralelamente, da parte do personagem dirigida a si mesma; f) **Discurso direto substituído**: é assinalado pela tomada de palavra em nome do outro.

O discurso indireto, como ressalta Bakhtin/Volochinov (2002 [1929], p. 170), “ouve de forma diferente o discurso de outrem [...] integra e concretiza na sua transmissão outros elementos e matizes que os outros esquemas deixam de lado” e, portanto, demonstra que o discurso foi transpassado. Para essa modalidade do discurso, são propostas três variantes: a) **Discurso indireto analisador de conteúdo**: consiste na apreensão da enunciação de outrem apenas no plano temático, supervalorizando a significação temática; b) **Discurso indireto analisador da expressão**: apresenta-se através da integração das palavras e maneiras de dizer de outrem, permitindo a percepção das especificidades, subjetividade e caráter típico das palavras citadas; c) **Discurso indireto impressionista**: se expressa como uma mistura do discurso indireto analisador do conteúdo e do discurso analisador da expressão com o intuito de apresentar o discurso interior de outrem, seus pensamentos e sentimentos com liberdade.

O **discurso indireto livre** consiste na convergência do discurso direto e do indireto. Classificado por Bakhtin/Volochinov (2002 [1929], p. 170) como “o caso mais importante e sintaticamente mais bem fixado de convergência interferente de dois discursos com diversa orientação do ponto de vista da entonação”. Assim, muitas vezes o limite entre o discurso direto e o indireto não é fácil de ser percebido.

Na próxima seção, ilustraremos algumas dessas ocorrências com os dados resultantes de nossa pesquisa. Passemos à análise dos dados.

4. Apreensão do discurso de outrem no gênero discursivo monografia: reprodução ou autoria?

Dentre os tipos proposto, o *discurso direto monumental* foi o mais recorrente nas monografias analisadas. Sabemos que existem enunciados tão perfeitamente construídos que acreditamos ser impossível elaborarmos paráfrases capazes de resgatar sua essência. Entretanto, a justificativa para a maioria das ocorrências desse tipo de discurso nas monografias, infelizmente, não se pauta nessa perfeição, mas em dificuldades de compreensão e/ou de escrita e, em alguns casos, na reprodução dos modelos determinados pelos compêndios de Metodologia Científica. Na análise das monografias, concebemos a predominância do discurso direto monumental como caracterizador do nível de autoria que denominamos transcritor. Analisemos alguns exemplos:

“Segundo Coutinho (1979, p. 115), ‘a literatura tem que ser mais explorada nas escolas, a fim de que o colaborador possa compreender o mundo que o cerca em busca de poder melhorar o seu relacionamento parcial ou total com as pessoas que estão a sua volta’”.

Exemplo 01

No exemplo 01, o colaborador apenas transcreve as palavras do autor e as explicita com o auxílio da expressão “*Segundo Coutinho*”, expressão caracterizadora da terceira pessoa do singular que, seguindo nossas categorias de análise, constitui-se como voz do personagem e atribuiu a responsabilidade enunciativo-discursiva ao teórico referenciado. Além disso, não as comenta, assume-as como completas, verdadeiras e, portanto, incontestáveis. Esses aspectos marcam a presença do discurso monumental, apresentado em estilo linear. Entretanto, convém ressaltar que a citação selecionada tem relação direta com o tema da monografia do colaborador: A denúncia racial abordada na escola através da literatura a partir da obra de Castro Alves.

A preocupação com a questão racial, mais precisamente com o combate ao preconceito racial apresenta-se também no exemplo 02, a seguir. Assim como acontece no primeiro caso, o colaborador destaca o discurso do outro, no caso em análise o de Paulo Freire, considerando-o como verdadeiro. Entretanto, embora de forma muito sutil, apresenta uma apreciação positiva em relação aos aspectos destacados, colocando-os, através de uma modalização lógica (*não é possível*), como indispensáveis ao combate do racismo em sala de aula. Essa modalização lógica, de certa forma, reforça a modalização deontológica ‘*é preciso*’ apresentada por Freire. Além disso, embora não marque graficamente, o agente produtor da monografia elimina pequenos trechos do texto original (“*persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça*”) e substitui outros por “*e etc*”. (“*não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica*”), assumindo, de certa forma, uma postura antiética em relação ao texto fonte. Vejamos:

“De acordo com Freire (1996, p. 136), ‘é preciso que saibamos que, sem certas qualidades e virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, justiça e etc.’. Sem esses aspectos não é possível de combater o racismo em sala de aula”.

Exemplo 02

Acreditamos que a utilização dos recursos gráficos prescritos para revelar os apagamentos realizados, bem como para retomar os interlocutores do educador – os professores – além de evitar uma postura antiética, geraria outras entonações e revelaria um maior índice de responsabilidade enunciativo-discursiva.

O *discurso indireto analisado* foi o segundo tipo mais empregado e, assim como o discurso direto monumental, é marcado pela presença de modalizações deônticas e lógicas, indiretamente apregoadas pelas prescrições das normas técnico-científicas. Observemos um exemplo:

“Segundo Fernandes-Boëchat (apud COLL, C.; MARCHESI, A; PALACIOS, J, 2004, p. 128 -129), deve-se dar mais importância à inteligência emocional dos aprendizes de língua estrangeira do que à inteligência na perspectiva psicométrica, haja vista que a inteligência emocional não é levada em consideração quando os aprendizes são submetidos a teste de QF”.

Exemplo 03

No exemplo 03, a colaboradora parafraseia as palavras de Fernandes-Boëchat, retomando-as os teóricos “COLL, C.; MARCHESI, A; PALACIOS, J”, que são citados entre parênteses. Essa paráfrase evidencia apenas a significação temática do que é enunciado. Para isso, a agente produtora, através da utilização de uma modalização deôntica (“*deve-se dar mais importância à inteligência emocional*”), defende a necessidade de se considerar a inteligência emocional no processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira; e por meio de uma modalização lógica (“*a inteligência emocional não é levada em consideração*”), demonstra a veracidade e incontestabilidade do fato de a inteligência emocional não ser considerada nos teste de QI. Assim, embora de forma implícita, a colaboradora demonstra concordar com o que enunciado. Entretanto, não esboça avaliação em relação ao enunciado retomado. Por isso, acreditamos que a supremacia de trechos como os apresentados no exemplo 03 caracteriza o nível de autoria que designamos como parafraseador semântico. A preponderância de uma análise avaliativa apontaria a presença do nível de autoria que nomeamos analisador/avaliador.

O terceiro tipo mais aplicado foi o *discurso direto preparado*. O exemplo 04 é ilustrativo desse tipo de discurso, pois a colaboradora introduz o discurso de *Castellar e Maestro*, apresentado de forma direta, a partir de um breve discurso indireto com o intuito de apresentar as características climáticas do sertão. Essas características são retomadas através de uma linguagem “científica”, dando ao enunciado um caráter dogmático-racionalista. Essas

opções linguísticas evidenciam o conteúdo dentro de uma perspectiva linear. Desse modo, demarca o nível de autoria que batizamos de parafraseador estrutural. Verifiquemos:

“Segundo Castellar e Maestro, o povo é castigado pela própria natureza, numa região de poucas chuvas, verões acirrados

‘quando chega o mês de agosto, parece que a natureza morreu, não se vêem nuvens no céu, a umidade do ar é mínima, a água chega a evaporar 7mm por dia e a temperatura do solo pode atingir 60° C, as folhas na maioria das árvores já caíram e assim o gado, como os animais nativos – a ema, o preá, o mocó e o camaleão – começam a emagrecer’” (CASTELAR e MAESTRO, 2002, p. 182).

Exemplo 04

Dentre os menos recorrentes, está o discurso direto esvaziado, ilustrado no exemplo 05, a seguir:

“Os contos de fada apresentam-nos um mundo de fantasias onde tudo é permitido, através destas é permitido sonhar, brincar e idealizar. Para Lilia Margerona ‘no conto de fadas, o leitor é transportado para um mundo onde tudo é possível: tapetes voam e galinhas põem ovos de ouro. Essa é a magia da fantasia’. Porém, sabe-se que se pode aprender através do fantástico mundo encantado”.

Exemplo 05

No exemplo acima, as apreciações e valores emocionais da colaboradora em relação ao gênero conto se sobressaem em relação ao discurso citado. Como podemos verificar no trecho que destacamos, o enunciado da colaboradora, através de uma modalização pragmática (“**apresentam-nos**”) dá ênfase ao “*mundo de fantasias*” possibilitado pelos contos de fada. Ressalta que, nos contos de fada, “*tudo é permitido*”: “*sonhar, brincar, idealizar*”, utilizando-se duas vezes a mesma modalização lógica (“**é permitido**”), colocando essa permissão como fato atestado e, portanto, inquestionável. Enfatiza ainda a possibilidade de se aprender “*através do fantástico mundo encantado*” e, conseqüentemente, dos contos de fada. Essa ênfase é realizada a partir do emprego uma modalização lógica (“**sabe-se**”), que apresenta o fato como atestado e conhecido e que introduz uma modalização pragmática (“**se pode aprender**”), que destaca a capacidade de ação dos contos de fada. A primazia do discurso direto esvaziado revela um nível de apreensão apreciativa maior se comparados às formas já apresentadas e, portanto, um nível de autoria mais elevado, aquele que denominamos reentonador.

Outro tipo de discurso não muito utilizado nas monografias investigadas foi o discurso indireto livre, cuja prevalência também é reveladora do nível de autoria reentonador. O exemplo 06, a seguir, ilustra essa ocorrência:

“A **tipificação dos personagens** consiste em um **processo de caracterização**, que para ser efetuado precisa observar alguns aspectos que envolvem os personagens, como **sua linguagem, seu estado físico, ideológico e social**. Todos esses elementos estão interligados ao estilo do autor, e de forma prática, ele usa para objetivar seus pensamentos. **De acordo com Brait (1985, p. 11 - 12)** [...]”

Exemplo 06

No exemplo 06, o colaborador expõe uma conceituação do processo de tipificação que remete às palavras-chave desse processo. A enunciação apresentada, em virtude de sua natureza conceitual, exige um embasamento teórico prévio e, portanto, a referência a outrem. Contudo, percebemos que a voz do agente produtor da monografia mistura-se à voz do(a) estudioso(a) que a subsidia o enunciado, no caso em análise, provavelmente, *Brait*. Essa mistura é estabelecida pela falta de referência direta à voz da personagem (*Brait*), que só é mencionada na segunda parte de enunciado, e à voz do autor do texto, nosso colaborador.

Convém ressaltarmos que um discurso direto e até mesmo um discurso indireto pode, fugindo aos princípios éticos, aparecer camuflado sob a forma de um discurso indireto livre. Nesse caso, temos o plágio. É precisamos chamar a atenção dos agentes produtores para atribuir o crédito da autoria a quem, de fato, o merece, e evitar as penalidades legais cabíveis para crimes dessa natureza.

Um terceiro tipo também não muito usado pelos alunos foi o discurso direto analisador de expressão, também demarcador do nível reentonador, que encontramos no exemplo 07:

“Neste **jogo lúdico** onde os acontecimentos se dão num **plano acima da lógica**, a **denúncia social** esconde-se nas cores das telas, nas **melodias** das músicas, no **encantamento** dos personagens, na **força das palavras**, mas com a mesma **sutileza** com que **se esconde também se mostra**, e faz apelo na voz da ‘menina carvoeira’: ‘Leva nossa história pras franjas do mar! Pede ao povo de lá que não se esqueça da gente’ (ABREU e CARVALHO, 2005, p. 84); nos passos minguados dos retirantes, no trabalho escravo dos bóias-frias, no **gemido** do Maltrapilho, o qual desemboca uma **verdade escondida**: ‘um defeito é degrau importante na escala do perfeito’ (ABREU e CARVALHO, 2005, p. 84), na seca que afugenta e maltrata toda natureza” (Exemplo 07).

Exemplo 07

No exemplo 07, a colaboradora apreende a significação temática das palavras retomadas, mas, principalmente, as maneiras de dizer de *Maria*, personagem principal de Hoje é dia de Maria, bem como dos autores da obra, *Abreu e Carvalho*. A construção do enunciado a partir dessa forma de citação demonstra que a colaboradora percebeu as especificidades e a subjetividade das palavras recuperadas, aspectos marcados pelas expressões, muitas delas caracterizadoras, empregadas pela colaboradora, as quais destacamos em negrito. Ao discurso indireto analisador da expressão, são intercalados dois discursos diretos como continuidade do discurso indireto. Os discursos diretos são marcados pela utilização de aspas e pela indicação dos narradores após sua apresentação para quebrar essa ideia de continuidade. As construções linguísticas utilizadas revelam também que a

colaboradora assume um elevado nível de apreensão apreciativa, bem como um elevado nível de autoria.

Diante da análise apresentada, chamamos a atenção para o fato de que as categorias defendidas devem ser analisadas em termos de predominância e a partir do contexto enunciativo-discursivo em que se encontra. Além disso, sugerimos que, na análise do processo de construção dos gêneros acadêmico-científicos, atentemos não apenas para o tipo de discurso empregado na atividade de apreensão apreciativa do discurso de outrem, mas também para os verbos utilizados para introduzir esse discurso. Os verbos que apenas retomam o ato locutório em si (por exemplo: falar, dizer, afirmar, expor) apontariam para um grau mínimo de responsabilidade enunciativo-discursiva, bem como para um baixo nível de autoria. Já os verbos semanticamente significativos (por exemplo: argumentar, defender, explicar, criticar, condenar, sugerir, concordar, discordar, pautar-se, dentre inúmeros outros) podem apontar para graus de maior comprometimento com a responsabilidade enunciativo-discursiva e, portanto, para níveis mais elevados de autoria.

Feita essa breve ressalva, com base na análise realizada, constatamos que alguns colaboradores ainda se limitam a reproduzir o discurso de outrem, sem ao menos tentar demonstrar ter compreendido o que transcrevem. Outros se aventuram a transpor os discursos recuperados e demonstram diferentes comportamentos enunciativos: compreensão, interpretação, avaliação. Alguns se arriscam de maneira superficial; outros, de forma significativa; e pouquíssimos, de maneira contundente. Acreditamos que esse fato, provavelmente, é decorrente não apenas das dificuldades de compreensão e de produção de textos acadêmico-científicos, mas também das limitações impostas pelas prescrições técnico-científicas.

Considerações Finais

Sabemos que os gêneros acadêmico-científicos são extremamente importantes para a formação do professor pesquisador e para o desenvolvimento das práticas de letramento, por inserir seu produtor no mundo da leitura de diferentes gêneros, na discussão de diversas temáticas, no confronto de pontos de vista. Assim, esses gêneros, dependendo da forma como forem abordados, contribuem não só para o desenvolvimento intelectual dos colaboradores, mas também para o desenvolvimento de suas habilidades linguísticas. Entretanto, os documentos oficiais que orientam a elaboração desses gêneros, bem como os manuais de metodologia científica, preveem o apagamento da voz do autor, em função de uma neutralidade científica. Essa orientação, atrelada às dificuldades de leitura e de produção de textos, gera, como constatado nos exemplos analisados, práticas de escrita que se limitam a repetir o discurso de outrem.

Contrariamente ao que defendem esses documentos, nós, como professores formadores, acreditamos que não devemos priorizar as exigências técnicas em detrimento do desenvolvimento das ideias e da explicitação do caráter enunciativo-discursivo da linguagem, pois os gêneros acadêmico-científicos, como toda interação verbal, estão marcados pelo caráter dialógico e expostos, em maior ou menor grau, às avaliações emocional-volitivas de quem os produz. São essas avaliações que possibilitam aos autores, consciente ou inconscientemente, um menor ou maior grau de envolvimento em relação ao discurso do outro, ao tema abordado e aos próprios textos.

Diante do exposto, defendemos que o principal objetivo do ensino-aprendizagem de línguas é conscientizar os professores em formação sobre os aspectos enunciativo-discursivos da linguagem, bem como capacitá-los para usar esses aspectos de forma consciente e eficiente através do desenvolvimento de atividades de escrita que exijam o exercício da responsabilidade enunciativa e permitam-lhes optarem entre se constituírem como simples reprodutores, limitando-se a repetir as ideias de outros, ou como autores, interpretando, avaliando, reelaborando, dando novas entonações ao discurso do outro, atribuindo-lhe um caráter pessoal. Esses objetivos se tornam ainda mais imprescindíveis no processo de formação de professores de línguas, profissionais que terão como objeto de ensino-aprendizagem a língua e suas possibilidades.

Apprehension of the discourse of Others and authorship in academic-scientific genres

ABSTRACT: We believe that traces of appreciative apprehension of the discourse of Others reveal the level of authorship of the agent-producer. This paper aims to investigate such traces in monographs produced by training teachers, so as to analyse levels of authorship. The analysis, grounded on Bakhtin/Volochinov (2002 [1929]), Bakhtin (2000, 2003 [1979]) and Bronckart (1999, 2006), highlights that the monographs present low levels of authorship, signaled by the predominance of monumental direct discourse.

Keywords: appreciative apprehension; authorship; monograph.

Referências

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10 ed. São Paulo: Hucitec, 2002 [1929].

BAKHTIN, Mikhail. Gêneros do Discurso (Adendo). In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p 277 - 326.

_____. Gêneros do Discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p 261 - 306.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.

_____. Os gêneros de textos e os tipos de discurso como formatos das interações propiciadoras de desenvolvimento. In: MACHADO, Anna Raquel e MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006, p. 121 -160.

FARACO, Carlos Alberto. Criação ideológica e dialogismo. In: _____. **Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do circulo de Bakhtin**. Curitiba: PR: Criar Edições, 2003.

_____. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos-chave* (Org.). 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007, 37 – 60.

FLORES, Valdir do Nascimento e TEIXEIRA, Marlene. O dialogismo: Mikhail Bakhtin. In: _____ . **Introdução à lingüística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.

MACHADO, Anna Raquel. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In: MEURER. J.L. BONINE, Adair e MOTTA-POTH, Désirée (Org.s). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. Coleção Linguagem. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 237 – 259.

Data de envio: 26/05/2014

Data de aceite: 04/03/2015

Data de publicação: 23/04/2015